

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 669

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECULO

A DECEPÇÃO DA MARIAZINHA

Por A. de S. R.



I — Um dia, Mariazinha
no caixotinho do lixo
encontrou uma bolinha



II — E teve, então, o capricho
de a ir levar à Mãezinha
D. Bernarda Gavicho.



III — Mas quando abriu a mãozinha,
ao encontrar nela um bicho,
faz cara de patetinha.



IV — Então a Mãe diz-lhe: — «Tonta,
pois tu não vês que a bolinha
era um bichinho de conta?!»

VER NA PAGINA 5 UMA GRANDE SURPRESA

O tambor do Zezinho

POR VIRGÍNIA LOPES de MENDONÇA
ILUSTRAÇÕES DE RUY MANSO

O Zezinho era traquinas e barulhento, como mais nenhum.

Não se distraía, sem incomodar tódas as pessoas que o rodeavam.

Por isso, o Fagundes, um velhote, inquilino do primeiro andar, tomara um tal asco ao garoto que nem o podia ver!

Se nunca mais tivera um instante de sossego, desde que o turbulento rapaz ali morava!

Mas os pais do Zezinho, numa cegueira doida pelo seu menino, não atendiam as queixas que o Fagundes volta e meia lhes fazia.

— «Meu caro senhor — (diziam eles) — uma criança cheia de vida, de saúde, precisa brincar... expandir-se... Viemos para esta casa, exactamente por ela ter um jardim, onde o pequeno pudesse estar à sua vontade. E' escusado insistir nos seus lamentos...»

De forma que a barulheira continuava sempre e o pobre Fagundes, por causa daquela insuportável criança, passava uma vida desgraçada.

Sempre de má catadura, decidiu não mais dirigir palavra a tão maus vizinhos.

Assim se passou algum tempo.

Certo dia, o que havia de apetecer ao diabólico Zezinho?

Nada mais, nada menos do que um tambor que vira na montra da Quermesse de Paris.

Logo, o pai cedeu ao capricho do indés.

Na manhã seguinte, o Fagundes ouviu, sobressaltado, uns *ratapuns-puns-puns* estridentes de baquetas num bombo.

Levantou-se assustadíssimo e veio espreitar o que se passava em baixo.

Viu o Zezinho, com o ar marcial dum soldado, marchando sobre os canteiros, a tocar num tambor.

E assim, com a mesma força, tocou



nele todo o dia, deixando o velhote completamente atordoado.

Como poderia resistir, ouvindo constantemente o Zezinho a bater, como um desalmado, no maldito tambor?

Mas não perdeu o sangue frio.

Pensou, repensou, e, por fim, pareceu-lhe ter achado a maneira de se livrar daquele infernal brinquedo, inventado, — (pensava ele) — proposita-

damente, para lhe dar cabo dos miolos!

Vestiu-se à pressa e desceu a escada. Da porta do jardim, pôs-se a chamar o pequeno, numa voz muito adocicada.

— «Vem cá... Quero dar-te um presente.»

O garoto olhou-o desconfiado e bateu ainda com mais força no tambor.



— «Chega-te aqui, meu amiguinho!» — teimou o Fagundes, cada vez mais meigo.

— «O que é que vocemecê quere?» — inquiriu, muito abrutado, o Zezinho.

— «Já te disse. Tenho aqui uma cousa para ti.»

— «O que é?!» — e o rapaz, cheio de curiosidade, aproximou-se.

— «Olha lá, se eu ter der trinta escudos, tu deixas de tocar nêsse tambor?»

— «Onde é que estão os trinta escudos?!...» — tornou o pequeno, outra vez de pé atrás com tanta generosidade.

— «Estão aqui. Vem contá-los. — voltou Fagundes, mostrando-lhe três moedas de dez escudos. — Só tas dou, se me deres para cá o tambor.»

O garoto ficou pensativo um bocado, olhando sempre de soslaio o vizinho.

Finalmente, decidiu-se: — «Está bem! Dê-me a massa.»

O outro estendeu-lhe as moedas e logo se apossou do tambor, subindo a escada, satisfeitiíssimo da sua vida.

— «Do mal, o menos!» — pensava êle consigo, enquanto deitava para o canto dum quarto o detestado tambor.

Mas, logo na madrugada do dia seguinte, o desgraçado acordou ao som desses *puns-puns-ratapuns*... ainda muito mais valentes que os da véspera.

Pareciam bombas estoirando no jardim. As portas tremiam, os vidros das janelas tilintavam... era um verdadeiro tremor de terra!

Aterrado, o velhote veio à janela.

O Zezinho tocava, agora, com as baquetas num bombo enorme e, triunfante, gritou-lhe de baixo: — «Vê, o vi-



A CORAGEM

Por JOSINO AMADO

ERA uma vez um pequenito louro,
De três anos, alegre, desinquieto,
Dos pobres pais o seu maior tesouro,
A quem queriam com imenso afecto.

Duma viveza extrema, impressionante,
E por vèzes de incrível rebeldia,
A sua boa mãe, a cada instante,
Para o contêr, bondosa, lhe dizia:

— «Não vás para o quintal; o poço é fundo,
Podes cair... Ouviste, meu encanto?»
Èle, porém, por nada dêste mundo
Obedecia a quem o amava tanto.

Assim que sua mãe se descuidava,
Fugia, pela certa, p'ró quintal,
E, mal se via lá, logo espreitava
Pela grade do poço; era fatal!

Todos os dias, anuviado o rosto,
A boa mãe pensava com tristeza:
— «Èste meu filho ainda algum desgosto
Nos dará, qualquer dia, com certeza!»

Uma vez que ela estava na cozinha,
Para o caldo migando verdes couves,
Deu por falta do filho e disse, asinha:
— «Anda cá, meu amor, anda, não ouves?...»

O pequeno, porém, não respondeu.
A pobre mãe, largando tudo, então,
Direitinha ao quintal correu, correu.
O peito trasbordante de aflição.

Não o vendo, soltou um grande grito...
Ao poço voa, a alma a arder em mágoa!



A grade estava erguida e o seu filho
Estrebuchando vê à tona da água.

— «Quem acode!...»— gritou num paroxismo,
E, resoluta, heróica, desvairada,
Atrai-se, num salto, ao fundo abismo
Para salvar a sua prenda amada.

Assim que veio ao cimo, sobre-humana,
Ao seu filhinho uma das mãos deitou,
E, com a outra, à corda da roldana,
Varonil, corajosa, se agarrou.

O filho estava salvo!... Como louca,
Viú despontar no peito o Sol a rir,
E de novo gritou, serena, rouca,
Para que lhes viessem acudir.

(Continua na página 6)



zinho, que belo tambor comprei com
o dinheiro que me deu? Faz duas ve-
zes o outro! Obrigadinho! Obrigadi-
nho!»

Radiante, o garoto batia valente-
mente na pele do tambor, que parecia
rebetar com a brutalidade das pan-
cadas.

De mãos na cabeça, que lhe esta-
lava cheia de dôres, o Fagundes caíu

sôbre a cama, completamente ani-
quilado.

Nessa tarde, quando o pai do Zê-
zinho chegou a casa, a mulher veio
ter com êle, dizendo, muito admirada:

— «Calcula o que aconteceu! O vi-
zinho Fagundes continua duma tal
amabilidade que nos confunde! Èle,
que sempre se mostrara tão pouco
delicado com o nosso filho, tornou
hoje a dar-lhe um presente!»

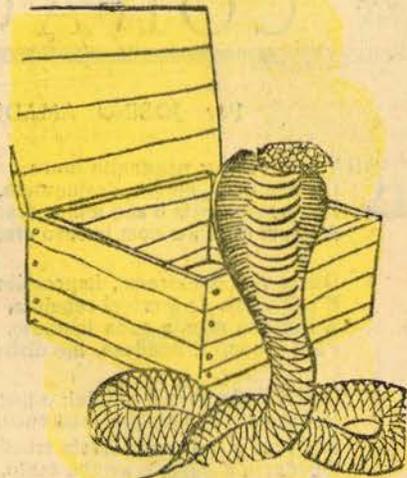
— «O quê?!... O que dizes?!...»
— exclamou o marido, também espan-
tadíssimo.

— «È verdade! Deu-lhe um lindo
canivete...»

E o Zêzinho, com um ar muito em-
batucado, rematou: — «Disse que era
para eu tirar um passarinho que es-
tava dentro do meu tambor...» — E
mostrou-o todo esburacado — mas eu
não o achei!»

A LENDA DA COBRA DE CAPELO

Por MANUEL FERREIRA



NUMA tarde, a pacatez da aldeia, onde veraneava o Zezinho, foi alterada com o rufo dum tambor:

—Rataplan, plan, plan!

Todos os habitantes da aldeola, lá para as bandas da serra do Marão, vieram aos janelos e às portas rasgadas do granito, saber dos motivos daquele alvoroço. E o tambor não cessava de ecoar.

—Rataplan, plan, plan!

A entrada da aldeia, no largo onde estacionavam as camionetas que faziam as carreiras para Vila Real, chegava agora uma carriola pintada de verde, puxada por dois machos magriselas. A frente, vinha um garoto tocando desatinadamente:

—Rataplan, plan, plan!

Era uma companhia de saltimbancos que vinha correndo terras. No largo da aldeia, estenderam o tapete, acenderam o lampeão de acetilene, armaram o trapézio e puseram fóra da barraca, em liberdade, os cães, o urso e o chimpanzé amestrados.

Daí a pouco, deu-se início ao espectáculo. Uma rapariga anémica esgançou uma canção, um fapazola, levando à cabeça uma garrafa e um copo, passava por um arquinho e o

urso dançava ao som dum pandeiro.

Mas o último número foi o que mais entusiasmou o Zezinho. Um grupo de homens, com fatos exquisitos, aproximou-se do centro do tapete com duas caixinhas. Abriu-as e deixou cair as tampas. Depois, os homens sentaram-se no chão, cruzaram as pernas e sopraram pequenas flautas.

Qual não foi a admiração do populacho, quando duas grossas cobras, com o pescoço desmedidamente largo, levantaram as tampas e saíram das caixas, aproximando-se dos tocadores.

O Zezinho ficou um nadinha medroso mas perguntou ao pai:

—«Que vão eles fazer, paizinho?»

—«Vários trabalhos com as cobras.»

—«Mas aquilo são cobras?»

—«Sim, meu filho. São najas, cobras de capelo ou serpentes de óculos. Chamam-se cobras de capelo pelo facto de, como tu vês daqui, terem o pescoço muito largo, parecendo uma capa, ou, melhor, uma veste de doutor. Na parte posterior da cabeça têm um desenho em forma de óculos.»

—«Donde são esses bicharocos?»

—«Da Índia. Aquêles homens estão

vestidos de indús. A cobra de capelo é um dos seres vivos mais perigosos do mundo. Assim que morde, é tal o seu veneno que mata quasi instantaneamente. Mas estas, —(explicou o pai, a tranquilisá-lo)— já não têm os dentes venenosos.»

—«Mas, Paizinho, porque é que tem a cobra de capelo o pescoço assim tão largo?»

—«Há, na Índia, uma lenda interessante.

Certo dia, Buda, o deus dos indús, descen à terra para ver tudo de perto. O sol era ardentíssimo. Chegou a um campo; deitou-se e adormeceu. Então, daí a pouco, a cobra que procurava boas presas no capim, foi-se colocar diante de Buda e, alargando o pescoço, deu-lhe sombra.

Quando, muito depois, Buda acordou, ao ver o que a naja havia feito, deixou-a ficar assim e, em paga, deu-lhe os tais óculos que tem no pescoço, com que a cobra de capelo afugenta as aves de rapina, que são os seus piores inimigos.»

O Zezinho, ao ver a docilidade daqueles répteis, não podia crer que fizessem tanto mal. Terminado o espectáculo, voltou para casa, pensando que, neste mundo, tudo tem o sabor duma lenda.



FIM

RENDO

A bela príncезinha adormecida

Meus meninos: O «Pim-Pam-Pum» vai contar-lhes uma história de encanto, a história duma príncезinha que era muito boa, muito bonita, muito querida de todos. Ora sucedeu... O melhor é verem estes bonequinhos com toda a atenção.

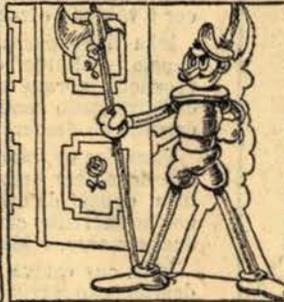
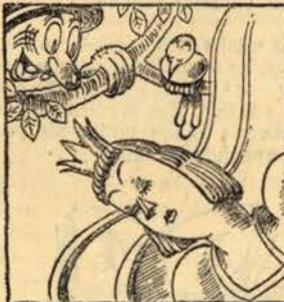


1 — Num lindo castelo de sonho, construído no cimo duma alta montanha, vivia o Rei e a Rainha da Bergengore, que tinham só uma filha: a adorável princesa Bela Adormecida. Era ela bastante querida pela sua graça e bondade e muitos príncipes e nobres pediram a sua mão. A todos, porém, rejeitou.

2 — A princesa esperava o príncipe dos seus sonhos. Triste aguardava a sua chegada, certa de que elle lhe traria a felicidade. Um dia estava sentada num banco do maravilhoso parque do Rei, seu pai, acompanhando com a guitarra o canto delicioso dos pássaros.

3 — O som doce da sua voz foi ouvido por uma velha bruxa, que vivia perto do castelo. Fela e malditava o Rei e a princesa. E, ao ouvi-la, disse por entre sinistras gargalhadas: — Ah! Chegou a minha hora! Vou enfeitar o castelo! Val cair sobre elle o poder da minha maldição!...

4 — Silenciosamente, escondeu-se atrás das árvores. De entre as roupas, tirou uma caixinha cheia de pó mágicos que tinham o poder de tudo adormecerem. Abriu-a e atirou uma pitada à face da princesa Bela Adormecida.



5 — Aquela deu um suspiro e os seus lindos dedos deixaram de apertar a guitarra que caiu no chão. E começou a dormir, com a cabeça encostada ao banco. Não tardou que os pássaros adormecessem, também...

6 — A velha bruxa radiante porque os seus planos diabólicos tinham triunfado, cavaigo pelo parque montada numa vassoura, espalhando, à sua volta, os pó mágicos. Desta maneira, todos os seres vivos adormeceram imediatamente.

7 — O Jardim tornou-se estéril e a velha bruxa, muito contente, penetrou no castelo. Depressa chegou a uma grande porta pela qual quiz entrar. Mas um soldado, com um fato muito vistoso, disse-lhe, com voz de trovão: — Não pode passar!

8 — A bruxa não respondeu. Tirou da caixinha outra pitada e atirou-a para o soldado. Este não tardou que largasse a alabarda, que caiu no chão com grande ruído. Os olhos fecharam-se-lhe e, daí a pouco, estava a ressonar alto, dormindo como um bem-aventurado.



9 — Ao mesmo tempo, Li-Kwang-To, o chinês chefe da cozinha do Rei de Bergengore, zangava-se com um dos seus ajudantes que entornara um delicioso prato de carne. A voz de Li-Kwang-To era tão terrível que os pratos e as panelas dansavam um ballado macabro nas prateleiras.

10 — O moço da cozinha estava cheio de medo, pois Li-Kwang-To não era para brincadeiras. De facto o terrível chinês preparava-se para esbofetear o ajudante, quando a bruxa, má e fela, entrou na cozinha. Mais uma pitada de pó — e zás! Li-Kwang-To e o ajudante dormiram, já, nos braços um do outro.

11 — A bruxa continuou a caminhar e entrou no salão nobre, onde havia o recital de canto dum famoso barítono da Bergengoria, em honra do Rei, que assistia com a Rainha e a corte. Todos estavam muito aborrecidos e o Rei tomava rapé para se distrair.

12 — A bruxa escondera-se atrás das cortinas do trono. Esperava o momento de intervir. Quando o Rei aspirava a vigéssima sexta pitada, deitou-lhe rapidamente um pouco do seu pó na caixa. Não tardou que o Rei espirrasse e, então, todo o pó da caixa se espalhou pela sala. (Continua no próximo número)

UMA GRANDE SURPRESA — Recortar na 3.ª página deste jornal um cupão que habilita cada menino a um esplendido aparelho Radio-Phillips. **UM GRANDE CONCURSO** — Pim-Pam-Pum oferece aos seus leitorzinhos de Lisboa e das provincias um concurso que servirá para provar as qualidades artisticas dos pequeninos concorrentes. Basta para isso colorir cada um dos bonequinhos da Bela Adormecida, conto que se prolongará por três números do Pim-Pam-Pum. No final, o menino concorrente fará uma encadernação para os desenhos do conto. Os três meninos que melhor tiverem colorido os bonecos e que tiverem feito a mais linda encadernação, receberão um lindo prémio. Depois, estabeleceremos um prazo para a entrega dos trabalhos dos concorrentes.

PARA OS MAIS PEQUENINOS

O MENINO JESUS

Por ACILEGRA

O Natal estava próximo. E, para festejar a vinda de Deus-Menino a este mundo, em casa da avó da Inha, havia uma grande azáfama.

Ainda não disse aos leitorzinhos que a Inha é uma pequenina com pouco mais de quatro anos, possuidora de lindos olhos negros e de engraçada fran-



jinha, muito irriqueteta, viva e inteligente. A sua mãezinha concedeu-lhe licença para passar o Natal, desse ano, em casa da avózinha, na província.

Inha é curiosa, amiga de aprender e faz constantemente perguntas sobre tudo que atrai a sua curiosidade.

Um dia, a criada da avózinha estava caçando o lar da cozinha de aldeia.

Inha, curiosa como sempre, perguntou à criada:

— «Maria, para que estás a caiar a chaminé? Ela não está suja!...»

«Pois não, — respondeu a criada — mas é para o Menino-Jesus poder descer à vontade e trazer os brinquedos!»

Inha ficou pensativa e aconselhou depois: — «Então, caia bem, não te esqueças, porque o Menino-Jesus ficaria zangado comigo se ficasse mascarado ao descer!»

Passados os festejos do Natal, o padre da aldeia onde se encontrava a Inha, depois da missa habitual, ordenou ao sacristão que fôsse limpar, cuidadosamente, o Menino-Jesus.

Inha, que estava perto, ouviu a ordem dada ao sacristão, e, lembrando-se da conversa que havia tido com a criada da avó, começou a chorar e ao padre logo recomendou:



— «Senhor prior, senhor prior, a culpa foi da Maria. Eu bem lhe disse que caiasse bem a chaminé!... O Menino-Jesus vai ficar zangado comigo!»

— «Não, minha filha — diz-lhe o bondoso cura, ao perceber o que ela queria dizer. — O Menino-Jesus não está zangado contigo. Ele precisa de ser limpo, porque andou muito na procissão e apanhou bastante pó!»



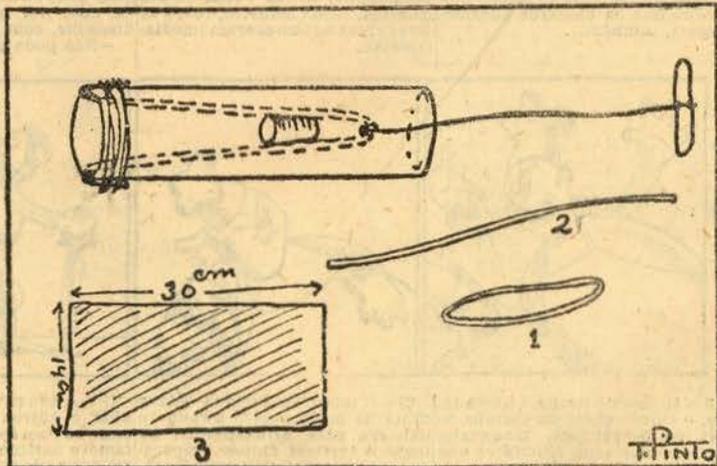
UMA PISTOLA DE NOVO MODELO

Para a construção que hoje publicamos, damos o modelo duma pistola que se constrói com uma grande facilidade.

Arranjem papel forte das dimensões das da gravura (3). Enrolem-no com cola, de forma a fazer um tubo com 2 cm. de diâmetro.

O tubo com um elástico (1) e um fio (2) completa os apetrechos necessários, que se armarão como está explicado no esquema.

E, agora, cuidado!...
Vejam lá se matam alguém!...



A CORAGEM

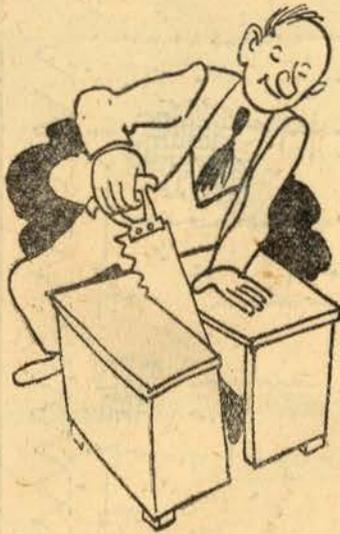
(Continuação da página 3)

Mal a sentiu, a vizinhança, dextra,
Ao pequenito e à boa mãe valeu.
E, depois das lições, na escola, a mestra,
Na mesma tarde, estes conselhos deu:

— «De coragem, ó qu'rida mocidade,
Fortes, enchei os vossos corações,
Por vencerdes no mar da adversidade
Das ondas procelosas os baldões!»

E quando fôr preciso, ó lusa gente,
Como esta que salvou o seu amor,
Enfrentemos o p'riço herbicamente,
Sejamos reflectidos, com valor!»

CURIOSIDADES A NE D O T A

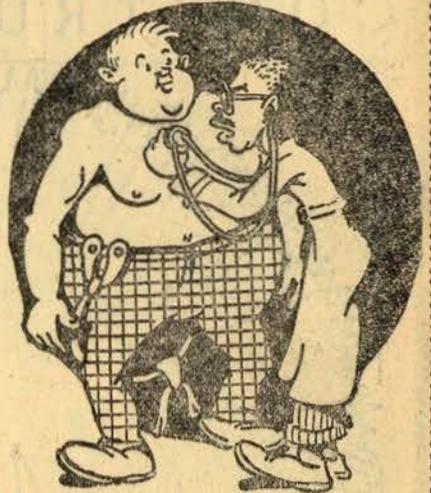


Um americano, cujo nome não vem para o caso, foi intimado, por motivo de divórcio, a entregar metade do seu mobiliário à sua ex-esposa.

O homezinho teve, então, a brilhante (?) ideia de cortar ao meio todos os móveis; mesas, cadeiras, armários, cortar tudo! E fez depois a partilha.

É claro que as autoridades foram obrigadas a confessar que o americano cumpriu à risca e legalmente a intimação.

Afirmam os sábios, cada vez com mais convicção, que o corpo humano produz emanações magnéticas que tomam a forma de uma auréola por cima da cabeça. Esta auréola é tanto mais pronunciada quanto mais forte é a personalidade do indivíduo. Nas mulheres, dizem os mesmos sábios, a auréola é mais clara do que nos homens.



O Médico : — «Faça favor de dizer 81.»
O doente : — (distraído) — «81 — Benfca.»

A NOSSA CONSTRUÇÃO UMA PALHOTA

Temos, hoje, uma construção muito simples mas que, a-pesar disso, fica bastante engraçada.

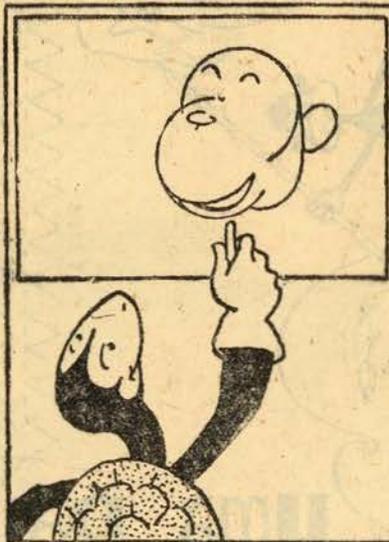
Colem as figs. 1 e 2 em cartolina vulgar e as figs. 3 e 4 em cartolina mais forte ou mesmo em cartão. Enrolem a fig. 7, dando-lhe a forma dum cilindro e coleme depois o telhado (fig. 2).

Depois da palhota estar armada, arranjem-lhe uma base (um quadrado de cartolina forte que podem cobrir de verde) e coleme todas as figuras, dando-lhe a disposição que vêem na pág. 8.

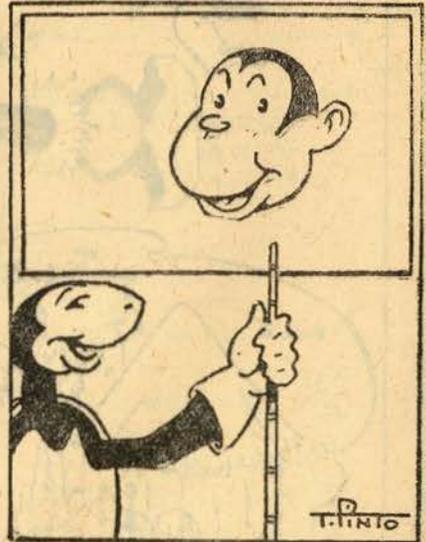
APOLO, PROFESSOR DE DESENHO



Sabes tu como se desenha o Chico Macacão?



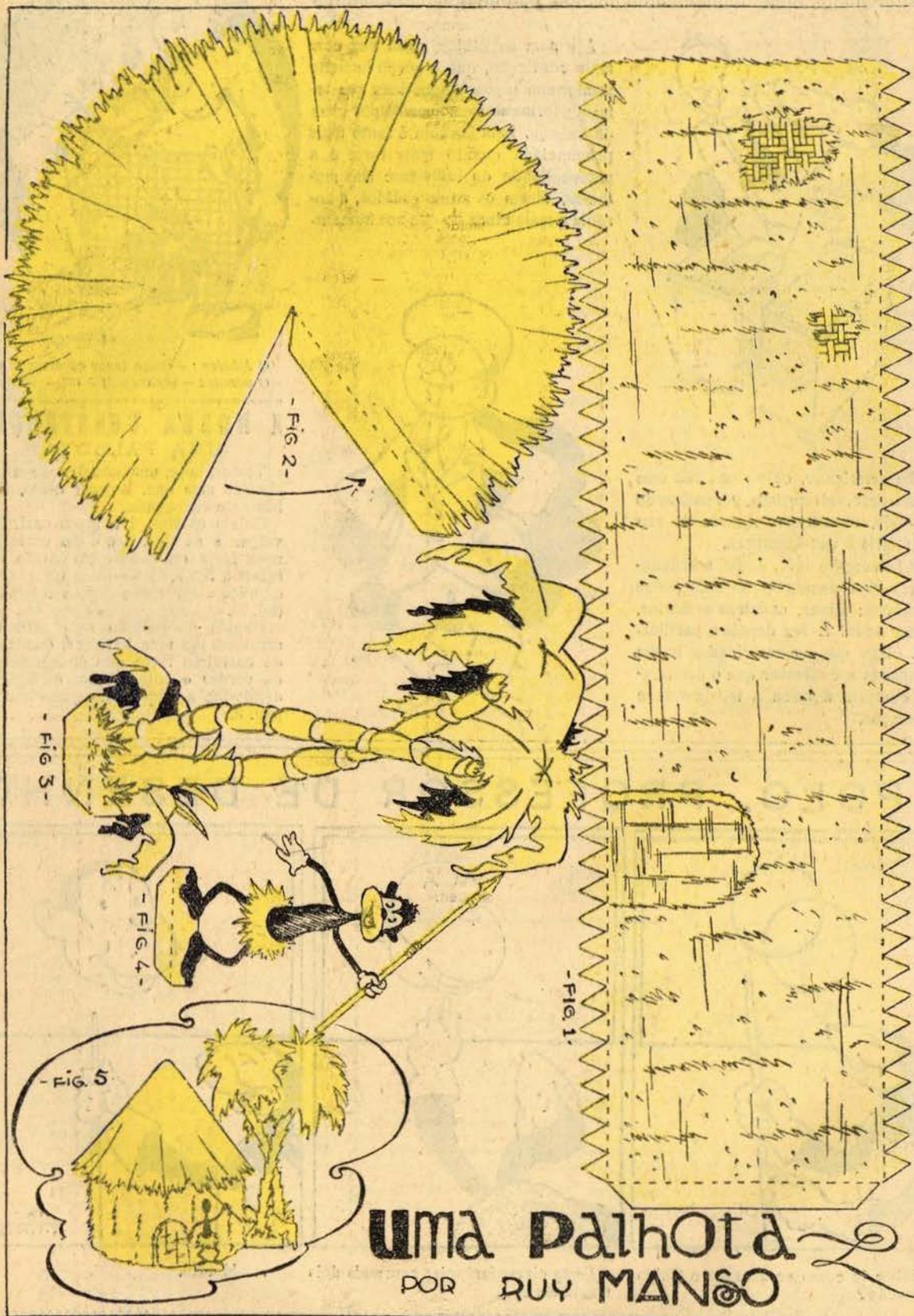
Duas circunferências com mais dois tracinhos e...



... Já está.

T. PINTO

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR



Uma Palhotã
 POR RUY MANSO